

DAS 'AFLIÇÕES FEMININAS'; ERVAS, POÇÕES E SANGRIAS: A representação de curandeiras e médicos no espetáculo *Vinegar Tom*¹²

Profa. Dra. Maria Brígida de Miranda³

Palavras-chave: *Vinegar Tom*; Peça Teatral; Bruxaria.

Resumo

Escrita em 1976 pela dramaturga inglesa Caryl Churchill em colaboração com o grupo *Monstrous Regiment*, *Vinegar Tom* é uma peça feminista-socialista que explora a história da bruxaria. A elaboração do texto baseou-se no estudo dos autos de julgamento do século XVII, da cidade de Essex na Inglaterra. Para Churchill, *Vinegar Tom* é um texto sobre bruxaria, mas onde não há bruxas. Neste artigo contextualizo e apresento aspectos gerais do texto dramático para situar a primeira montagem teatral brasileira de *Vinegar Tom* em 2007-2008. Proponho uma reflexão sobre a representação da curandeira (personagem Ellen) e do médico (personagem Doutor) ao discutir as opções da direção e os artificios da encenação para realçar o antagonismo entre o conhecimento pagão e o surgimento da medicina moderna.

Keywords: *Vinegar Tom*; Theatre Play; Witchcraft.

Abstract

Written in 1976 by English playwright Caryl Churchill, in collaboration with the theatre group *Monstrous Regiment*, *Vinegar Tom* is a piece of Feminist-Socialist writing which explores the history of witchcraft. The text was based on a study of the witchcraft trials which took place in the city of Essex in England during the 17th Century. For Churchill, *Vinegar Tom* was a text about witchcraft, but in which there were no witches. This article contextualizes and presents general aspects of the play, in order to situate the first theatrical production in Brazil of *Vinegar Tom*, which was performed in 2007-2008. This article proposes a reflection on how the roles of the traditional healer (the character of Ellen) and of the medic (the doctor) are represented through a discussion of the directorial options and production artifices utilized, in order to highlight the antagonism between pagan knowledge and the rise of modern medicine.

1. Introdução

Este artigo é o resultado parcial do projeto de pesquisa *Poéticas do Feminino e Masculino: A prática teatral na perspectiva das teorias de gênero*, cujo foco de estudo é as práticas de teatro feminista na Inglaterra, Estados Unidos e Austrália nas décadas de 1960 a 1990, combinado à investigação de atividades de teatro feminista no Brasil contemporâneo. Este texto apresenta a experiência de montagem de uma peça feminista, *Vinegar Tom* (1976) de Caryl Churchill, no contexto de teatro universitário brasileiro, especificamente nas Disciplinas de Montagem Teatral I e II, por mim ministradas em 2007 e 2008 na Universidade do Estado de Santa Catarina. Parte do material aqui apresentado encontra-se em versões ampliadas em artigos anteriores, que trataram do processo de encenação do texto e questões conceituais do teatro feminista. No presente artigo busco destacar dois

¹ Vinculado ao Projeto de Pesquisa *Poéticas do Feminino e Masculino: A prática teatral na perspectiva das teorias de gênero*, desenvolvido no Centro de Artes/UDESC.

² Este artigo foi apresentado no Simpósio Temático História e Teatro e publicado nos Anais do XXV Simpósio Nacional de História: História e Ética. Na Universidade Federal do Ceará – Fortaleza em julho de 2009.

³ Professora do Programa de Pós Graduação em Teatro – Mestrado e Doutorado e do Departamento de Artes Cênicas, na área de Interpretação e Direção Teatral. Centro de Artes. Universidade do Estado de Santa Catarina.

personagens da peça *Vinegar Tom*, Ellen, a curandeira da vila e o Doutor. Estes dois personagens podem ser percebidos como representantes de um conflito histórico entre as práticas pagãs de cura e magia e os tratamentos médicos da medicina ensinada nas universidades. Reflito sobre como o texto dramático apresenta estes personagens e como a encenação buscou opções de representação dessas duas práticas.

1.2. Texto e Contexto

Vinegar Tom é uma peça teatral escrita em 1976 pela dramaturga inglesa Caryl Churchill em colaboração com o grupo *Monstrous Regiment*. A peça encaixa-se na categoria de teatro “feminista-socialista”, pois seu conteúdo apresenta várias das demandas da segunda onda do movimento feminista europeu. O ativismo feminista de Churchill e das integrantes do *Monstrous Regiment* pode ser percebido por vários temas apresentados na peça: o aborto; a violência contra a mulher, tanto na esfera doméstica quanto pública; o estupro; a gravidez indesejada; a histeria; o casamento; o desejo sexual; o controle de natalidade, e a menopausa. Apoiando-se em estratégias brechtianas, Churchill aborda esses temas de forma distanciada, pois situa a trama e seus personagens numa Inglaterra do século XVII, especificamente no período final da caça às bruxas. Estas estratégias do teatro político de Bertolt Brecht foram adotadas também na estruturação do texto de forma episódica. Cada um dos 21 episódios de *Vinegar Tom* centraliza o conflito em pelo menos um desses temas. A relação entre passado e presente é feita por meio de sete canções que entremeiam as cenas. As canções não se limitam a comentar a ação das personagens do século XVII, mas relacionam os problemas vividos por elas aos problemas vividos pelas mulheres na década de 1970⁴.

Assim, assuntos que faziam parte da agenda dos movimentos feministas da 'segunda onda' ganharam na escrita de Churchill/*Monstrous Regiment* uma historização. Há uma associação entre a falta de agência das mulheres na década de 1970 com uma subordinação histórica do corpo feminino ao olhar e controle da sociedade patriarcal em séculos anteriores. Churchill explica que quando foi convidada a escrever sobre a bruxaria ela tinha uma visão a partir da imagem das “fogueiras da inquisição, histeria e bacanais” que eram as representações mais frequentes da 'caça às bruxas' em “filmes e ficção” (CHURCHILL *apud*. REINELT 1990:156). No entanto, a partir da pesquisa que ela e o *Monstrous Regiment* realizaram nos arquivos de Essex sobre a 'caça às bruxas' elas perceberam como as acusações de bruxaria eram na verdade contra “ofensas corriqueiras e banais como a morte de uma vaca ou a manteiga que não vinha” (*ibid.*). Para Churchill, a bruxaria relacionava-se à “pobreza, humilhação e preconceito e a auto-imagem das mulheres acusadas de bruxaria” (*ibid.*). Ou seja, eram principalmente a dependência econômica e a marginalidade que favoreciam a acusação de bruxaria contra certas mulheres.

Neste contexto, *Vinegar Tom* gira em torno da falta de possibilidade da mulher enquanto categoria decidir sobre o próprio destino, o que em última instância significa tomar decisões sobre o corpo. O texto teatral explora a falta de poder sobre o próprio corpo a partir de uma contextualização social da problemática individual.

2. A Montagem Brasileira

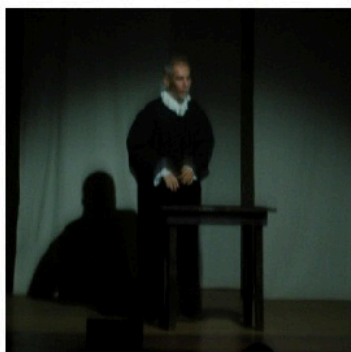
Em 2007 propus o texto *Vinegar Tom* para as disciplinas obrigatórias do curso de Artes Cênicas do Centro de Artes da UDESC, Montagem Teatral I e II, que ministraria, respectivamente, no segundo semestre de 2007 e no primeiro de 2008. Seria a primeira encenação no Brasil dessa obra de Churchill e para isso faríamos também a primeira tradução. O principal objetivo dessa proposta foi o de introduzir na graduação em artes cênicas uma peça representativa de um tipo de teatro feminista, um

4 A montagem de *Vinegar Tom* que dirigi em 2007-2008, a banda de rock foi composta exclusivamente por mulheres, matriculadas na disciplina de Montagem Teatral I (Cláudia Mussi; Fernanda Macedo; Livia Sudare e Luana Garcia) e a colaboradora Renata Swoboda, aluna do Curso de Música. As letras originais em inglês serviram de inspiração temática para que a banda criasse suas próprias letras, melodias e arranjos em português.

texto onde o conteúdo e o formato enfatizam o engajamento com as causas do movimento feminista da 'segunda onda'. Considerando o número maior de mulheres cursando artes, um dos objetivos específicos foi o de oferecer melhores oportunidades de atuação, por meio de um texto com maior número de personagens femininas; e no qual as personagens femininas não são periféricas na trama. A escolha do texto *Vinegar Tom* me pareceu adequada, após uma estimativa do número de alunos e alunas previsto para a disciplina naquele semestre, a divisão de papéis por gênero seria possível necessitando pequenos ajustes, pois a peça tem 14 (quatorze) personagens e uma 'banda' musical. São 7 (sete) personagens femininos e 7 (sete) masculinos, sendo que 2 (dois) dos papéis masculinos, o dos inquisidores Kramer e Sprenger⁵.

Ao final do semestre de Montagem Teatral I, o espetáculo completo já estava estruturado. *Vinegar Tom* foi apresentado várias vezes na Universidade do Estado de Santa Catarina e em 2008 participou da mostra oficial do Festival Nacional de Teatro Isnard Azevedo, em Florianópolis. No espetáculo as cenas eram intercaladas pelas canções como sugerido no texto de Churchill. As canções originais em inglês foram traduzidas e adaptadas totalizando 8 músicas com letras e melodias criadas e tocadas ao vivo pela banda de mulheres. O espetáculo tentou manter pelo figurino e objetos de cena o aspecto de peça histórica; ao passo que a banda 'comentava' e 'criticava' a situação vivida pelos personagens na cena, estabelecendo para a platéia um paralelo com assuntos contemporâneos, mantendo, assim, a proposta do texto de Churchill e da primeira encenação do *Monstrous Regiment*. O rompimento com a atuação realista era criado também pelo cenário, onde spots em *backlight* projetavam em vários momentos do espetáculo, cores que variam de acordo com a paisagem sugerida no texto. A *backlight* permitia também efeitos de sombras de galhos na parte superior dos painéis e a criação de sombras móveis e distorcidas à medida que os atores e as atrizes passavam por trás dos painéis. O objetivo destas sombras era provocar na platéia várias possibilidades de percepção da cena; e ao mesmo tempo colocar o espectador na perspectiva daquelas personagens que viviam em um universo onde o 'mundano' e o 'real' conviviam com o fantasmagórico e assombrado. As sombras tinham a intenção de provocar a seguinte pergunta no espectador: essa pequena vila é um local sombrio e bruxólico, ou isso não passa de um grande engano coletivo?

Se por um lado o cenário, a iluminação e os efeitos de sombra e silhueta foram concebidos para provocar indagações como esta, a construção de alguns personagens teve o propósito de estabelecer oposições claras. É neste antagonismo que foram trabalhados os dois personagens Ellen e o Doutor. A seguir apontarei algumas opções de direção e os artifícios da encenação para representar a curandeira e o médico em seu antagonismo entre o conhecimento pagão e o surgimento da medicina moderna.



Doutor. Foto: Brígida Miranda



Ellen. Foto: Marina Moros

5 Lembro que os nomes se referem as personagens históricas Heinrich *Kramer* e Jacob *Sprenger*, autores do manual de caça as bruxas *Malleus Maleficarum*, publicado em 1486.

3. Curandeira e Médico

O texto “Caça às Bruxas: o saber das mulheres como obra do diabo” (1987) da pesquisadora Lúcia Tosi foi uma referência teórica que fundamentou as escolhas estéticas e de representação. Professora de Química da UFMG, Tosi contextualiza os diversos momentos de perseguição a praticantes de tradições de cura, segundo a autora estes praticantes eram em sua grande maioria mulheres, em um panorama de surgimento de várias práticas científicas. Ao longo do texto Tosi demonstra como um saber de gênero específico, o feminino, passa a ser suprimido para manter a hegemonia do masculino. Tosi afirma:

A bruxa, feiticeira ou “mulher sábia”, conhecia as propriedades das ervas ou plantas com que preparava poções e unguentos reputados eficazes no tratamento de doenças tanto físicas como mentais. Assistia as mulheres no parto (ainda hoje o nome sage-femme – mulher sábia – designa a parteira na França) e conhecia métodos abortivos e anticoncepcionais. Todo esse saber a converteria numa figura importante na comunidade rural a que pertencia. Desfrutava de prestígio e de poder, o que significava um desafio a classe médica. Qualquer que tenha sido sua motivação terrível perseguição de que as bruxas foram objeto durante um século, a tortura e morte indiscriminada de mulheres que praticavam ou não um determinado saber empírico, alcançaram sem dúvida um duplo objetivo. Por um lado, suprimir as verdadeiras bruxas (que praticavam a medicina empírica); por outro, disseminar o terror na população feminina, o que facilitaria sua normatização social. (1987:42)

Como diretora, optei por realçar essa perseguição histórica as mulheres e tornar ainda mais claro as diferenças entre as práticas de Ellen e as práticas do Doutor. O propósito era que a personagem Ellen representaria várias tradições co-existentes na Europa que se tornaram alvo dessa caça as bruxas. Enquanto o Doutor representaria a ampliação do domínio masculino sobre práticas tradicionalmente feitas por mulheres.

No texto dramaturgico Ellen é indicada como “uma mulher de 35 anos” e descrita como “*a cunning woman*”, e não “*sorcerer*”, ou “*witch*” em português foi usado o termo “tratante”. Colocando a personagem no limiar de uma atividade duvidosa. Conforme explicação da tradutora:

No original cunning woman. Uma velhaca, patife, tratante, devassa. A personagem Ellen também é vista por alguns autores como uma curandeira ou uma benzedeira, pois cunning faz referência às pessoas que conheciam o uso de ervas ou outras substâncias de finalidade médica. ‘Tratante’ se refere à forma como as outras personagens da peça a tratam e encaram.⁶

Na primeira vez que Ellen (interpretada por Tama Ribeiro) aparece em cena (Cena 8) ela recebe a visita de duas jovens da vila que a visitam para resolver dois problemas distintos. Alice (Denise Krieger) quer reencontrar um misterioso cavaleiro e Susan (Elisa Schmidt), sua amiga casada está grávida pela segunda vez e não quer ter o bebê, mas é atomentada pelas idéias católicas de pecado. Ellen oferece algumas alternativas para Susan, a primeira é uma bebida abortiva caso ela queira realmente interromper a gravidez; a outra opção é ser sua parteira, caso ela resolva ter o bebê. Enquanto isso Ellen apresenta Alice vários produtos de seu trabalho. Ela dá um “encanto” a Alice, algo que não a deixa engravidar, e lhe propõe fazer uma poção mágica para ‘segurar’ um homem:

ELLEN: [...] Você mantém seu encanto em segurança, Alice? Eu poderia te ajudar mais se você fosse até o jovem e lhe desse a poção que eu faria para você. [...] Um fio de cabelo ou uma gota de sangue podem fazer toda a diferença. É parte dele e os poderes podem servir para chamá-lo.⁷

6 Nota de rodapé da tradutora Cláudia Mussi. Tradução realizada em 2007 exclusivamente para as disciplinas Montagem Teatral I e II. Tradução não publicada.

7 Todas as falas citadas neste artigo são fragmentos do texto *Vinegar Tom*, traduzido por Cláudia Mussi e não

Assim, Ellen mostra o aspecto mágico de seu trabalho. Mais adiante no diálogo entre as três mulheres, Ellen oferece outros serviços a Alice:

ELLEN: Para a sua dor de cabeça, vou lhe dar estas ervas para ferver com água e beber à noite. Vai lhe dar um bom sono e você pensará menos nele.

ALICE: Eu não quero pensar menos nele.

ELLEN: Você deve dormir. Haverá outros homens que não ele. Uma garota esperta como você pode pensar em outras coisas.

ALICE: Como o quê?

ELLEN: Posso lhe ensinar algo.

ALICE: Nada perigoso.

ELLEN: Qual é o perigo das ervas?

ALICE: Não são só ervas.

ELLEN: Qual é o perigo em curar?

ALICE: Não é só curar, é?

ELLEN: Há poderes, e você os usa para curar ou para maltratar. Você os usa como desejar. Não há dor quando se cura então onde está o perigo? Você poderia usá-los. Nem todos podem.

ALICE: Aprender a usar as ervas?

ELLEN: Há todos os tipos de sabedoria. Pouco a pouco eu poderia ensiná-la.

Nesse diálogo fica clara a correlação entre as atividades da personagem Ellen e as atividades apontadas por Tosi da “bruxa, feiticeira ou ‘mulher sábia’”. Ellen exerceria um ofício, uma profissão naquela comunidade rural e receberia algum tipo de pagamento ou recompensa pelos serviços. A idéia de um “presente” como pagamento, aparece no texto na fala seguinte de Ellen para Alice, “Não há pressa. Eu não quero você a não ser que você queira. Você vai aparecer para deixar um presente para mim em alguns dias, como eu tenho que viver e não te cobraria. Você pode me dizer o que aconteceu com seu jovem e o que está pensando.” A ação de compensar Ellen pelos serviços, não é sugerida no texto original mas é feita na encenação por outros personagens que visitam a tratante. Isso demarca o ofício e pagamento por meio de presentes (no caso uma barra de manteiga) por um serviço de advinha.

O texto também sugere que Ellen viveria perto, porém fora do vilarejo, na floresta. Isso permitiu que como diretora trabalhasse elementos que realçassem a relação de Ellen com a natureza. A iluminação e figurino para as cenas de Ellen privilegiavam os tons de verde, como cor historicamente associada à floresta; à cura e à bruxaria. Em várias cenas Ellen entra e sai do palco criando sombras com seu corpo em painéis translúcidos. Durante o processo de criação de personagem a atriz e eu estabelecemos que Ellen sempre teria em suas mãos alguma erva seca, uma pele de animal, ou instrumentos de cortar e macerar. Estes instrumentos não seriam meros ícones mas, objetos usados nas ações físicas estabelecidas para o personagem ao longo da cena: picar e triturar uma erva para fazer uma poção enquanto aconselha uma personagem. Assim Ellen esta sempre a trabalhar.

Era importante representar o cotidiano de trabalho braçal da tratante, de buscar ervas e outros

publicado, portanto sem referências de paginação.

elementos em uma floresta mesmo no inverno (período do ano quando em que se passa a história). O texto indica que Ellen não vive sob a tutela e proteção de um homem e que conhece as consequências dessa ausência. Isso pode ser percebido na Cena 16 quando Ellen aconselha Betty, jovem filha dos proprietários de terras:

ELLEN: Case-se, Betty, é mais seguro.

BETTY: Mas eu quero ficar sozinha. Você sabe que eu quero.

ELLEN: Sozinha para quê? Para ser como eu? Nenhum médico vai me salvar de ser chamada de bruxa. Sua melhor chance de ficar sozinha é se casando com um homem rico, porque é parte de sua honra ter uma esposa que não faz nada. [...] O que mais você gostaria de fazer? Casar com um pobre e trabalhar o dia inteiro? Ou continuar como está, continuar estranha? Não é seguro. Muitas garotas já sentiram o que você está sentindo, só por um momento. Mas não é você que vai continuar neste erro.

A representação de Ellen era para mim como diretora uma questão de realçar a existência de mulheres que viviam a margem da sociedade. O tipo físico dos atores e atrizes foi um dos aspectos que influenciou na distribuição dos papéis. A possibilidade de associar atrizes magras aos personagens que não tinham nenhuma figura masculina para ampará-las significava uma referência a história da beleza, especificamente a magreza feminina como um atributo negativo e associado às doenças, miséria e falta de conforto. Assim, Ellen seria uma mulher que viveria dos próprios esforços e negócios enquanto curandeira da vila.

A imagem do Doutor foi inspirada na pintura de Rembrandt *The Anatomy Lesson of Dr. Nicolaes Tulp* de 1632 (uma pintura a óleo do acervo do museu [Mauritshuis](http://www.mauritshuis.nl) em Hague, na Holanda). Nessa pintura Dr. Tulp em uma dissecação pública do cadáver do criminoso Aris Kindt é representado explicando o funcionamento das veias do braço. Outros homens assistem a dissecação representam outros doutores que teriam pago a comissão do pintor para aparecerem na obra⁸.

O figurino do personagem Doutor foi inspirado na roupa formal de Dr. Tulb, constando também o colarinho em tecido branco armado e rendado. O ator que interpretou o Doutor na maioria das apresentações foi Aldo Godois, que correspondia em idade com o personagem (50 anos). A presença de um ator mais velho e de cabelos grisalhos em cenas com muitos atores jovens salientou a diferença de idade entre os personagens Betty (15 anos) e Doutor (50 anos). O Doutor aparece em apenas duas cenas curtas. Mas sua presença é marcante ao conferir autoridade acadêmica ao assunto das aflições da personagem Betty, interpretada por Maiara Barros. Sua primeira aparição é na Cena 6 quando faz sua visita médica a casa do dono das terras e pai de Betty.

Na encenação as ações físicas dos personagens e a iluminação foram privilegiadas no lugar das falas de Betty. A cena que se inicia com a banda cantando a música “Oh Doutor” vê-se primeiro Betty sendo trazida por empregados da fazenda, Jack (Fabiano Lodi) e Margery (Kamila DeBortoli). Eles a trazem nos braços e a amarram com cuidado a uma cadeira. Ao mesmo tempo vê-se a silhueta do Doutor projetada no painel central do cenário. O Doutor entra sem falar nada, e retira instrumentos médicos de sua maleta. Ele faz tudo isso de costas para o público. Betty ainda adormecida/sedada é despertada pelo barulho dos instrumentos sendo colocados meticulosamente na mesa. A ação interior é de quem já conhece o procedimento e reconhece o que irá acontecer a seguir. Betty reage com gritos de desespero e a resposta do Doutor é uma ação precisa de segurá-la pela nuca e amordaçá-la. Calada e presa Betty tem a camisola aberta atrás pelo Doutor, que retorna a mesa e trás instrumentos cortantes para realizar a sangria nas costas de Betty. Enquanto faz incisões nas costas de Betty o doutor diz sua fala com frieza se dirigindo a platéia como em uma aula para um anfiteatro com outros doutores. Os

8 Veja <http://en.wikipedia.org/wiki/Anatomy_Lesson_of_Dr._Nicolaes_Tulp>

espectadores são colocados no mesmo papel dos médicos do quadro de Rembrandt. Em sua fala o doutor relaciona os sintomas de Betty não a bruxaria mas, a uma patologia típica das mulheres, a histeria:

DOUTOR: Histeria é a fraqueza das mulheres. Hysteron, em grego, o útero. Sangue em excesso causa desequilíbrio nos humores. Os gases nocivos que se formam todo mês sobem até o cérebro e causam um comportamento contrário ao que a paciente está realmente sentindo. Após o sangramento você deve ser purgada. Esta noite deverão surgir bolhas. Logo você estará boa o suficiente para se casar.

A luz branca e fria realça a brutalidade da cena que contrasta com a próxima cena em que Betty irá a floresta sozinha buscar cura junto a Ellen. Na casa de Ellen Betty tem voz e é ouvida pela curandeira, que lhe oferece uma bebida com ervas e a garantia que sua casa estará sempre aberta para recebê-la. A construção da cena explorou toques e olhares entre as duas personagens para salientar um espaço de confiança e amizade entre a menina e a curandeira. Podemos relacionar essa preferência de Betty pela curandeira ao médico a uma citação de Francis Bacon (1561-1626) sobre os médicos, “estes se apegam a intenções gerais de purgar, incisar, amenizar, modificar, sem apropriá-las às doenças particulares; e é por isso que os empíricos e as velhas são muitas vezes mais felizes em seus tratamentos que doutos médicos” (*apud* TOSI, 1985:36). Mesmo assim, será o por meio do tratamento médico que a família de Betty a preservará das acusações de bruxaria que assolarão a vila nas próximas cenas, e que levarão mulheres pobres e desprivilegiadas (a velha e viúva Noahs; a mãe solteira Alice; a mulher que comete aborto Susan; e a curandeira Ellen) à tortura e à força.

Referências Bibliográficas

- CHURCHILL, Caryl. *Vinegar Tom*. Trad. Cláudia Mussi. (Texto não publicado, tradução realizada para a pesquisa Poéticas do Feminino e Masculino: A prática teatral na perspectiva das teorias de gênero).
- COSTA, Sueli Gomes. "Movimentos Feministas, Feminismos". Revista Estudos Feministas, Número Especial, v. 12, Florianópolis, UFSC, setembro-dezembro/2004, 23-36.
- DERRIDA, Jacques e E. NASCIMENTO, E. *Pensar a desconstrução*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- GOODMAN, Lizbeth. *Contemporary Feminist Theatres: To Each Her Own*. London: Routledge, 1993.
- HART, Lynda, and Peggy Phelan, eds. *Acting Out: Feminist Performances*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1993.
- REINELT, Janelle. "Beyond Brecht: Britain's New Feminist Drama." *Performing Feminisms: Feminist Critical Theory and Theatre*. Ed. Sue-Ellen Case. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1990. 150-9.
- TOSI, Lúcia. "Caça as Bruxas: O saber das mulheres como obra do diabo". Revista Ciência Hoje: *Da Alquimia à Química*. Número 20, v. 4, São Paulo: Edusp, setembro-outubro/1987, 35-42.
- KRAMER, Heirich e J. SPRENGER. *Malleus Maleficarum: O martelo das feiticeiras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.